

A DECADÊNCIA DOS INSTINTOS VITAIS NA MORAL DO RESSENTIMENTO (The Decay of Vital Instincts in the Moral of Resentment)

Renato Nunes Bittencourt

Doutorando em Filosofia do PPGF- UFRJ/ Bolsista do CNPq

Resumo: O objetivo do presente artigo é demonstrar, segundo a interpretação realizada de Nietzsche sobre a história da cultura ocidental, um dos principais sintomas da sua decadência residiria no ressentimento, estado que se manifesta na vida do indivíduo incapaz de criar valores afirmativos da existência, de modo que, no plano concreto, ao sofrer uma agressão, tal indivíduo, impotente em reagir efetivamente, desenvolve no seu íntimo o anseio por uma reparação imaginária, motivada pelo sentimento de vingança. Essa conduta inadequada acarretaria na decadência da vitalidade do indivíduo, pois, ao invés do mesmo projetar para o exterior a sua potência de agir, acaba perdendo qualquer tipo de vínculo efetivo com a realidade. Essa é a conduta característica daquilo que Nietzsche denomina como o elemento constituinte da “moral dos escravos”, a qual teria prevalecido ao longo do desenvolvimento de nossa cultura ao subjugar a “moral nobre”, adepta dos valores afirmativos da existência. A religião cristã seria a grande responsável por essa situação terrível, ao inverter a ordem dos valores ativos até então existentes, transformando-os em objeto de depreciação e reprimenda, enquanto os valores que, na acepção nobre seriam considerados como “decadentes”, tais como a humildade e a piedade, foram alçados ao patamar das grandes virtudes morais. Para Nietzsche, esta reviravolta dos valores teria ocorrido pelo fato de que o ressentimento típico dos indivíduos fracos se tornou o sentimento condutor da nova moral vigente.

Palavras-chave: Nietzsche; Ressentimento; Vitalidade; Decadência; Fisiologia.

Abstract: The purpose of the present paper, according to interpretation carried through of Nietzsche on the history of the culture occidental person, one of the main symptoms of its decay would inhabit in the resentment, been that if manifest in the life of the individual incapable to create affirmative values of the existence, way that, in the plain concrete, when suffering a aggression, such individual, impotent in reacting effectively, develops in its soul the yearning for an imaginary repairing, motivated for the revenge feeling. This inadequate behavior would cause the decay of the vitality of the individual, therefore, on the contrary the same to project for the exterior its power to act, losing any type of effective bond with the reality. This is the characteristic behavior of what Nietzsche it calls as the constituent element of the “moral of the slaves”, which would have taken advantage throughout the development of our culture when overwhelming the “noble moral”, adept of the affirmative values of the existence. The Christian religion would be great responsible for this terrible situation, when inverting order of the active values until then existing, transforming them into depreciation object and reproach, while the values that, in the noble meaning would be considered as “declining”, such as the humbleness and the mercy, had been elevated to the platform of the great moral virtues. For Nietzsche, this overturn of the values would have occurred for the fact of that the typical resentment of the weak individuals if became the conducting feeling of the new effective moral.

Keywords: Nietzsche; Resentment; Vitality; Decadence; Physiology.

Introdução

Podemos dizer que a análise feita por Nietzsche acerca do problema do ressentimento e sua influência na formação dos valores da cultura ocidental fornece ao estudioso de sua obra uma abrangente compreensão sobre os sintomas da decadência da moral judaico-cristã. A questão do ressentimento e de suas implicações na prática de vida humana, de suma importância no conjunto de idéias da filosofia de Nietzsche, recebe destaque principalmente nas suas obras de maturidade, tais como *Genealogia da Moral* e *O Anticristo*. Contudo, devemos ressaltar que a problemática do ressentimento de encontra em estado de crisálida ainda nos seus escritos de juventude, fato este que nos permite defender a tese de que, ainda que a obra de Nietzsche seja marcada por três fases distintas, elas, todavia, se encadeiam intrinsecamente.¹ Afinal, temas dissertados por Nietzsche ainda no início de sua produção filosófica continuarão sendo abordados ao longo de sua vida produtiva, ainda que com novos matizes axiológicos.

Dessa maneira, o problema do ressentimento, decorrente do excesso de memória, ou seja, da incapacidade do indivíduo se desvencilhar do peso de suas recordações, recebe considerável destaque na Segunda *Consideração Intempestiva*, ensaio no qual Nietzsche versa sobre as vantagens e desvantagens do uso da História para a vida, e de que modo esse conhecimento se torna benéfico ou maléfico para a mesma. Nessas condições, podemos dizer que, para que haja a História, é imprescindível que exista a memória, e esta, quando acumulada desmedidamente por conteúdos adquiridos ao longo do cotidiano, motiva o enfraquecimento da força plástica do homem, pois o excesso de conhecimento paralisa o fluxo da sua vitalidade criadora. (NIETZSCHE, 2003, p. 94-95). Sofrendo desse distúrbio cognitivo que impede a expansão de sua potência criadora, o indivíduo que privilegia demasiadamente a capacidade de assimilação das suas faculdades mnemônicas acaba desenvolvendo somente o aspecto interior de sua vida psíquica, efetivando um “divórcio” para com o mundo externo, cuja conseqüência prejudicial logo se manifesta na sua existência: a incapacidade de se realizar uma abertura existencial em relação ao novo, gerando assim uma paralisia das suas forças vitais.

Essa situação enfadonha ocorre por causa da incapacidade humana de utilizar a recordação de um dado evento como estímulo para a efetivação de uma nova ação. Ao se lembrar de uma vivência passada, o indivíduo apenas se detém na contemplação paralisada destes conteúdos mnemônicos, situação que faz com que esse tipo humano torne a sua mente um depósito de informações, muitas das quais desvinculadas de qualquer sentido ou propósito para o desenvolvimento criativo de sua vida. Um indivíduo fisiologicamente decadente segundo a acepção nietzschiana, ao rememorar no presente um feito glorioso do passado, voltará o seu olhar para esse tempo longínquo, considerando que a dignidade e o valor somente existiram no passado, e que no presente não existe mais grandeza e beleza.² Essa nostalgia corrompe as suas forças criativas, pois o homem saudoso não é capaz de utilizar o sentimento de glória decorrente da realização de um grande feito no passado como impulso para o desenvolvimento de novas ações no presente. Por conseguinte, esse indivíduo cria uma ruptura entre si mesmo e o mundo cotidiano no qual ele vive; tal situação o torna incapaz de desenvolver qualquer possibilidade de ação genuína, motivada pelo conhecimento daquilo que foi feito no passado como estímulo para a ação. Mais precisamente, a característica dessa disposição afetiva e cognitiva se resume apenas no ato de se recordar as impressões vivenciadas nos belos tempos idos, fato este que consome inapelavelmente as forças vitais daquele que é afetado por essa tendência um tanto mórbida, pois toda a atividade psíquica é direcionada para a “degustação” da memória dos acontecimentos do passado.

A disposição para a contínua recordação das vivências passadas é um dos fatores que motiva o afloramento do ressentimento no psiquismo humano, pois o indivíduo que é assolado por tal estado se detém de forma exacerbada na lembrança de acontecimentos de outrora, que por motivos específicos marcaram a sua afetividade. Afinal, o próprio termo “ressentimento” significa, no seu sentido original, o ato de se sentir novamente um dado afeto, motivado por uma impactante impressão externa registrada na mente do ser humano, estado este que traz à superfície da consciência, portanto, os mesmos estados afetivos vivenciados outrora.

Podemos considerar que uma vida constituída dessa maneira se torna terrivelmente propícia para o desenvolvimento do estado de declínio de forças vitais através da manifestação de tendências ressentidas, pois tal pessoa sofre de uma grande deficiência no processo de assimilação das experiências desagradáveis. Quem sofre desse tipo de distúrbio afetivo apenas revive afetivamente as impressões de outrora, ao invés de pretender desenvolver novas ações pautadas na singularidade criativa. Esse problema psicofisiológico, se no âmbito individual motiva uma série de transtornos afetivos e axiológicos, entrelaçado

com a visão moral de mundo exerce malefícios ainda mais intensos, conforme a análise genealógica de Nietzsche que veremos a seguir.

A análise de Nietzsche sobre o problema do ressentimento na cultura ocidental

Para Nietzsche, o “espírito de ressentimento” inicia o seu processo de degeneração da vitalidade da cultura ocidental quando ocorre a inversão dos valores que eram até então preconizados como os mais elevados pela prática de vida da jubilosa civilização greco-romana, a dizer, virilidade, a força, a coragem e a sensualidade. (1999, p. 28-29).

A partir do advento da moralidade teológica da religião cristã, esses valores imanentes são transformados em manifestações do apego ao corpo, ao mundo sensível, sendo, por isso, vilipendiadas como pecaminosas. No lugar das virtudes corporais que enaltecem a saúde e a imanência da realidade, são inseridas, pelos adeptos da nova perspectiva moral, as virtudes da consciência, da interioridade, alçadas como as instâncias maiores da vida humana. O homem “virtuoso” se torna aquele que desenvolve plenamente as suas faculdades do espírito em detrimento da imanência da corporeidade.³ Entretanto, podemos afirmar que o grande problema dessa situação não decorre da legitimação das virtudes da consciência na vida humana, mas sim, do intolerante projeto de se renegar asperamente as virtudes do corpo, da saúde. Afinal, certamente tanto as virtudes do corpo como as da consciência poderiam conviver entrelaçadas nas disposições de ânimo de um indivíduo. Contudo, os idealizadores dessa nova perspectiva moral, insatisfeitos com a existência dos valores da vitalidade, se esforçaram de todas as formas para que fossem consolidadas como as virtudes mais elevadas aquelas que estivessem associadas somente ao plano inteligível, supra-sensível, em detrimento do âmbito corporal. Nietzsche considera que

A rebelião escrava na moral começa quando o próprio ressentimento se torna criador e gera valores: o ressentimento dos seres aos quais é negada a verdadeira reação, a dos atos, e que apenas por uma vingança imaginária obtêm reparação. Enquanto toda moral nobre nasce de um triunfante Sim a si mesma, já de início a moral escrava diz Não a um “fora”, um “outro”, um “não-eu” – e este não é seu ato criador. Essa inversão do olhar que estabelece valores – este necessário dirigir-se para fora, em vez de voltar-se para si – é algo próprio do ressentimento: a moral escrava sempre requer, para nascer, um mundo oposto e exterior, para poder agir em absoluto – sua ação é no fundo reação (1999 p.28-29).

A reviravolta radical dos valores consiste, portanto, na subversão da qualidade da idéia de virtude e dos parâmetros acerca da avaliação do “bom” e do “ruim” para a constituição da vida do indivíduo. Segundo a interpretação genealógica feita por Nietzsche, os valores que eram imputados como “bons” na cultura greco-romana (como a beleza ou a força corporal), passam a ser estigmatizados como “maus” no decorrer da consolidação da moral cristã na civilização ocidental (NIETZSCHE, 1999, p. 30-31).

Podemos dizer, de acordo com a perspectiva de Nietzsche, que essa inversão de premissas decorre da incapacidade do indivíduo sectário da moralidade cristã de conviver com as dificuldades cotidianas da existência, assim como de desenvolver, ao longo de sua existencial, a capacidade necessária para a ampliação de sua potência, a partir da contínua superação das suas limitações intrínsecas. Essa disposição psíquica, por impedir que o indivíduo consiga externar satisfatoriamente a sua força vital através da busca de novas interações, acaba por voltar essa potência engendradora para o seu próprio íntimo, evento este que motiva o declínio de sua vitalidade psicofisiológica, mediante uma doentia interiorização afetiva:

Todos os instintos que não se descarregam pra fora, *voltam-se para dentro* – isto é o que eu chamo de *interiorização do homem*: é assim que no homem cresce o que depois se denomina sua “ alma”.

Todo o mundo interior, originalmente delgado, como que entre duas membranas, foi se expandindo e se estendendo, adquirindo profundidade, largura e altura, na medida em que o homem *foi inibido* em sua descarga para fora (NIETZSCHE, 1999, p.73).

A fraqueza da vitalidade na existência de um homem afetivamente ressentido, decorrente da sua dificuldade em assimilar as suas experiências afetivas recolhidas ao longo da sua conduta cotidiana, gera essa inversão do fluxo de sua capacidade para a ação. Ao invés desse tipo decadente de homem se empenhar em agir, em elaborar novos modos de valorações comprometidos com a ampliação das suas forças criativas, ele focaliza seu olhar na obscuridade dos elementos mais sombrios de sua vida psíquica, enfatizando especialmente tudo aquilo que existe de passível de se vir a sofrer do envenenamento afetivo do rancor. Nietzsche considera que

Os sofreadores são todos horrivelmente dispostos e inventivos, em matéria de pretextos para seus afetos dolorosos; eles fruem a própria desconfiança, a cisma com baixeiras e aparentes prejuízos, eles revolvem as vísceras de seu passado e seu presente, atrás de histórias escuras e questionáveis, em que possam regalar-se em uma suspeita torturante, e intoxicar-se de seu próprio veneno de maldade – eles rasgam as mais antigas feridas, eles sangram de cicatrizes há muito curadas, eles transformam em malfeitores o amigo, a mulher, o filho e quem mais lhes for próximo (1999, p. 117)

Deve ficar claro, todavia, que a questão da potência e da fraqueza no âmbito da conjugação das forças vitais do ser humano, no contexto da interpretação nietzschiana, não se fundamenta segundo princípios axiológicos estanques: uma pessoa contém na sua afetividade tanto as disposições ativas (fortes e assimiladoras de vivências) como as reativas (virulentas e depressivas), sendo “nobre” quando consegue fazer prevalecer as suas disposições ativas, e sendo “fraca” quando são as disposições reativas que comandam as suas valorações pessoais. No decorrer da vida prática, a pessoa incapacitada de descarregar os seus instintos para o exterior se constitui como “fraca”, e ao perceber que outros homens são capazes de fazer tal ato, se revolta intimamente contra estes, motivado pela inveja e pelo rancor diante da manifestação da saúde e da beleza. Afinal, a expansão da vitalidade do corpo no seu processo criativo decorre das naturezas individuais bem constituídas, cujas estruturas fisiológicas, segundo a acepção nietzschiana, funcionam adequadamente, pois são capazes de assimilar sem grandes dificuldades as impressões afetivas cotidianas, principalmente as consideradas desagradáveis, pois estas, numa personalidade “fraca”, se tornam o regalo de seu ressentimento e rancor contra o que é forte e bem organizado do ponto de vista vital.

Esse estado de aversão do “homem fraco” em relação ao que manifestam livremente a sua vitalidade decorre justamente da manifestação da virulência do espírito de ressentimento diante da saúde e da boa resolução das interações afetivas. Dessa maneira, a criação de uma série de valores que enalteçam a quietude e a passividade decorre do anseio existente da parte do indivíduo “fraco” em ver o “homem forte”, que se caracteriza pela afirmação da sua potência, reprimir os seus instintos vitais, pois o homem ressentido é um homem invejoso, incapaz de aceitar a existência da diferença de qualidades e características, assim como da beleza e saúde manifestada por pessoas criativas, que conseguem superar suas limitações individuais, aumentando assim o nível de potência de agir.

Para a tipologia da fraqueza axiológica e afetiva, somente a paralisia e a conservação das forças vitais são enaltecidas, pois nivelam os homens por baixo, impedindo assim qualquer tipo de manifestação de forças pautada pela competitividade. O “homem fraco” não é capaz de assimilar a idéia de que a vida se constitui pela superação dos limites pessoais, sendo contrária a um dos mais vigorosos lemas nietzschianos: “Da Escola de Guerra da Vida – o que não me mata me fortalece” (NIETZSCHE, 2006, p. 10).

Destaquemos que, numa perspectiva completamente oposta aos parâmetros morais da disposição reativa da valoração “escrava”, a tipologia da “nobreza” tal como compreendida

por Nietzsche se caracteriza pela legitimação da disputa como possibilidade de ampliação da vitalidade do corpo, posto é através da emulação que o homem desenvolve ao máximo as suas qualidades, em prol da obtenção da vitória numa dada circunstância.⁴ Entretanto, o “homem nobre”, ciente da necessidade e importância da competitividade para a vida, de forma alguma permite a perpetuação de um vencedor no certame, pois a hegemonia por um longo espaço de tempo paralisa as forças criativas dos indivíduos envolvidos numa disputa.⁵ Na perspectiva dos “homens fortes”, a hegemonia somente pode ser momentânea, de maneira que, após uma conquista, novas configurações de força são elaboradas, para que todos os competidores envolvidos na justa possam desenvolver ao máximo suas respectivas potências. Esta medida é tomada para se evitar que um homem, ao vencer continuamente os seus rivais, retire destes o genuíno sentido da disputa, pois derrotas contínuas podem excluir o espírito de competitividade dos participantes das contendidas.

O homem “nobre” e “forte” segundo a perspectiva nietzschiana não coaduna de forma alguma com o exercício tirânico do poder e com o controle coercitivo que impede o florescimento de novas perspectivas valorativas; pelo contrário, a sua “nobreza” axiológica se dá justamente a partir da possibilidade de surgirem novas perspectivas. Conforme comenta Oswaldo Giacóia sobre essa questão,

Nos termos dessa teoria nietzscheana do ativo e do reativo, forte não é aquele que é capaz de sujeitar o outro pela violência, ou de impor de modo impiedoso e desconsiderado seus apetites de poder, seus interesses. Em sentido próprio, forte é aquele que possui uma força plástica de esquecimento e assimilação mais inteira, mais organicamente sadia (GIACOIA JR, 2001, p. 84-85).

Esse projeto de superação dos limites e da ampliação da vitalidade pela prática agonística é considerada pelo indivíduo afetado pelo ressentimento contra a manifestação da saúde uma grande tolice, recebendo então as suas mais virulentas críticas. Contudo, na verdade esse homem em estado de declínio vital também gostaria de participar destas disputas, mas abdica deste intento, pois teme ser avassalado pelos demais, assim como teme perder a taxa mínima de vitalidade que porta nas suas disposições de ânimo, na sua estrutura fisiológica. De acordo com a interpretação de Maria Rita Kehl acerca dessa questão apontada por Nietzsche, “a má consciência é o afeto negativo que os fracos querem despertar nos fortes a partir dessa derrota, culpando-os pelo uso da força” (KEHL, 2004, p. 88). O “homem fraco”, ao tentar destilar o sentimento de culpa na consciência do “homem forte”, pretende que este abdique de sua instintiva capacidade de agir, fato este que, caso posto em prática, motivaria o declínio da sua saúde e de sua potência plástica de criação, posto que, nas naturezas fisiologicamente bem constituídas, a ação decorre de uma necessidade instintiva (NIETZSCHE, 1999, p. 36).

A tipologia do homem reativo, “fraco”, compreende a disputa justamente na sua acepção negativa, como supremacia constante, que impede a rotatividade dos vencedores, não sendo, portanto, capaz de discriminar as peculiaridades da má disputa e da boa disputa; é precisamente essa última que valoriza as capacidades de cada competidor, impedindo que exista, por meio da emulação, o uso das forças vitais para fins opressores e destrutivos.

Na acepção positiva da disputa, o indivíduo vê o rival como um amigo amado, necessário para que ele próprio obtenha dignidade e valor.⁶ Afinal, sem um rival valoroso para que possa haver uma disputa, o tipo “nobre” permanece com sua potência de agir estática, sem possibilidades de desafios que o levem a ampliar constantemente as suas forças corporais. Uma vez que tal homem adquire sua saúde e bem-estar justamente através da competição, a inexistência deste evento impede momentaneamente a expansão da sua força intrínseca. A tipologia do “homem nobre”, para concretizar os seus objetivos saudáveis, precisa viver na linha da temeridade, vivendo não raro nas situações mais perigosas possíveis.⁷ Não podemos esquecer, todavia, que mesmo a tipologia axiológica da “nobreza” também pode vir a sofrer de efeitos do ressentimento na afetividade, mas tal estímulo psíquico

é rapidamente assimilado pela estrutura psicofisiológica, favorecendo assim a instigação para a realização de novas experiências. Esclarecendo essa questão, Vânia Dutra de Azeredo considera que

O que faz com que o ressentimento no senhor não envenene é o pleno funcionamento da faculdade ativa do esquecimento que, ao impedir a fixação na consciência de toda e qualquer vivência, permite-lhe determinar a ação pela dominação. No escravo, diferentemente, a faculdade do esquecimento não funciona, fazendo com que ele desenvolva uma extraordinária memória. Ele manifesta uma impossibilidade de esquecer, que inclusive determina a sua percepção do inimigo como mau (AZEREDO, 2000, p. 81)

Mediante essas explanações sobre os efeitos deletérios do ressentimento na valoração humana e o seu vínculo intrínseco com as disposições vingativas do indivíduo assolado por esse mal-estar, não poderíamos deixar de aproveitar a descrição de Dostoiévski acerca da personalidade do “homem ressentido”, incapaz de esquecer as suas experiências desagradáveis:

Ali, no seu ignóbil e fétido subsolo, o nosso camundongo, ofendido, machucado, coberto de lombrigas, emerge logo num rancor frígido, envenenado e, sobretudo, sempiterno. Há de lembrar, quarenta anos seguidos, a sua ofensa, até os derradeiros e mais vergonhosos pormenores; e cada vez acrescentará por sua conta novos pormenores, ainda mais vergonhosos, zombando maldosamente de si mesmo e irritando-se com a sua própria imaginação. Ele próprio se envergonhará dessa imaginação, mas, assim mesmo, tudo lembrará, tudo examinará, e há de inventar sobre si mesmo fatos inverossímeis, com o pretexto de que também estes poderiam ter acontecido, e nada perdoará. Possivelmente, começará a vingar-se, mas de certo modo interrompido, com miuçaldas, por atrás do fogão, incógnito, não acreditando no direito nem no êxito da vingança e sabendo de antemão que todas essas tentativas de vindita vão fazê-lo sofrer cem vezes mais que ao objeto de vingança, pois este talvez não precise sequer coçar-se. No seu leito de morte, há de tornar a lembrar tudo com os juro acumulados em todo esse tempo e... (DOSTOIÉVSKI, 2000, p.23-24)

A descrição realizada por Dostoiévski neste trecho acerca do problema do ressentimento na psicologia do homem decadente psicofisiologicamente evidenciam os motivos que levaram Nietzsche a considerar o escritor russo como um dos mais profundos “psicólogos” já existentes, capaz de conhecer as coisas mais entranhadas numa mente perturbada pelos afetos reativos (2006, p. 95) Nessa situação de declínio afetivo e fisiológico, gera-se um asfixiante círculo vicioso, pois, quanto mais o indivíduo fraco se ressent, por causa da sua incapacidade de transformar o seu estado de inércia numa atividade efetiva, mais ele se entristecerá, degradando-se moralmente por tal circunstância. Para Nietzsche

(...) E nenhuma chama nos devora tão rapidamente quanto os afetos do ressentimento. O aborrecimento, a suscetibilidade doentia, a impotência de vingança, o desejo, a sede de vingança, o revolver venenos em todo sentido – para os exaustos é esta certamente a forma mais nociva de reação: produz um rápido consumo de energia nervosa, um aumento doentio de secreções prejudiciais, de bÍlis no estômago, por exemplo. O ressentimento é o proibido em si para o doente – seu ma: infelizmente também sua mais natural inclinação (...). O ressentimento, nascido da fraqueza, não é prejudicial a ninguém mais que ao próprio fraco (NIETZSCHE, 2001a, p.30-31).

Na moral religiosa de caráter normativo e transcendente, o homem do ressentimento manifesta a sua aversão pela diferença através da dissimulação de seu rancor pelos seus rivais na elaboração de um conjunto de preceitos morais proclamados como os desÍgnios divinos para os adeptos de um determinado credo. Nesse caso, o espírito de ressentimento se encontra associado aos legisladores morais, os quais, para melhor controle do povo, impõem aos seus membros uma série de regras, cujos fundamentos a grande massa dos seguidores desconhece. Em tempos remotos, quando um indivíduo transgredia um mandamento imposto pelos condutores do povo, ele sofria sanções físicas, para que a sua mácula fosse devidamente purgada (NIETZSCHE, 1999, p.52-54).

Todavia, com o aprimoramento das instituições sociais, esse indivíduo transgressor, ao invés de sofrer uma punição concreta, recebe o repúdio de seus pares, sendo então discriminado por tempo indeterminado, até o momento em que se arrependa de suas faltas contra a sua comunidade religiosa. Devemos ressaltar que tais “faltas” são consideradas na sua acepção abstrata, brotando desse modo a noção de pecado, a impureza da alma decorrente da realização ação considerada inadequada pela ordem moral estabelecida. Para que o indivíduo possa se livrar do pecado, ele deve se penitenciar, isto é, se submeter aos ditames da casta sacerdotal (NIETZSCHE, 2007, p. 33). Numa radicalização muito mais intensa da moral do ressentimento, cria-se, como forma de refrear a iniquidade do indivíduo, a ameaça de uma punição muito pior: a da alma, condenada por toda a eternidade aos martírios infernais. Essa vontade de vingança busca encontrar um culpado, algum responsável pela existência de um mundo que é ressentido intrinsecamente como ruim. Nessas condições, podemos considerar que a elaboração da idéia de Inferno decorre da afirmação máxima do sentimento de vingança do homem ressentido contra os seus rivais e desafetos.

É a partir de tal perspectiva que Nietzsche ironiza o fato de Dante Alighieri ter colocado no portal do “Inferno” de sua *Divina Comédia* a inscrição “Também a mim criou o eterno amor” (DANTE, “Inferno”, III, vs. 5-6), quando na verdade seria mais justificado dizer “Também a mim criou o eterno ódio” (NIETZSCHE, 1999, p. 40). A formulação vingativa do Inferno como o local de expiação da iniquidade, ou, por outras palavras, da afirmação da valoração distinta, por conseguinte, pode ser considerada como uma das mais grotescas elaborações do espírito de ressentimento contra a divergência, contra todo tipo de ação que vai de encontro aos interesses e valores teológicos instituídos dogmaticamente pela estrutura dominante da casta dos sacerdotes. Esta seria uma das mais funestas conseqüências do entrelaçamento da religião de caráter transcendente com o rancoroso espírito de ressentimento: uma vez sendo vedada ao homem “fraco”, transfigurado como devoto religioso, a capacidade de reagir, ou, tanto melhor, de agir criativamente, ele se encontra na necessidade de idealizar a existência de um código de conduta moral que proíbe a reação, a violência, justificando psicologicamente a sua natural impotência de agir. Conforme argumenta Maria Rita Kehl,

O ressentimento é uma doença que se origina do retorno dos desejos vingativos sobre o eu. É a fermentação da crueldade adiada, transmutada em valores positivos, que envenena e intoxica a alma, que fica eternamente condenada ao não esquecimento (KEHL, 2004, p. 93-94)

De acordo com Nietzsche, podemos dizer que esse desenvolvimento do sentimento de reparação por uma ação qualificada como prejudicial aos interesses da coletividade decorreria de uma sofisticação do sentimento de vingança dos homens fracos, posto que, com o temor de sofrer uma punição perpétua, a pessoa submetida aos parâmetros de uma moral religiosa de caráter coercitivo vislumbra adequar de todas as formas as suas disposições individuais aos valores estabelecidos pelo código normativo no qual se baseia os adeptos dessa visão de mundo. Esse medo exerce grande influência sobre a vida prática do “homem de rebanho”, pois quem aceita seguir os mandamentos morais impostos pela casta religiosa acredita que, se porventura ele infringir as regras estabelecidas, ele terá que prestar contas por essa ação numa dada circunstância. Inclusive, essa punição moral em todas as circunstâncias, posto mesmo quando nenhuma pessoa toma conhecimento do seu “pecado”, essa punição será exercida, caso o indivíduo não se arrependa sinceramente, pois existe um Deus punidor que tudo vê, pronto para castigar aquele que não segue os seus preceitos morais. Essa situação é um tanto lamentável para o desenvolvimento de uma vivência religiosa saudável para a existência, pois se fundamenta no estabelecimento de um relacionamento do homem para com a divindade pautado não no genuíno sentimento de amor, mas de temor.

De acordo com essa disposição ressentida infiltrada nas valorações das religiões moralistas, para que o homem não sofra dos efeitos da cólera divina, ele deve necessariamente

direcionar a sua singularidade aos códigos morais estabelecidos. Todavia, esse problema da invenção de uma dimensão supra-sensível na qual o indivíduo pecador deverá expiar suas faltas, decorreria, segundo a compreensão de Nietzsche, da legitimação de uma causa imaginária associada ao instinto de vingança do ressentido, o qual, para normatizar a diversidade dos indivíduos, projeta na idéia de Deus caracteres vis e passionais da mais grotesca vulgaridade, fazendo da idéia de um ser divino uma mera projeção dos afetos vingativos contra todo partidário de uma valoração diferente (hábitos religiosos, perspectivas doutrinárias etc.). Uma vez que não é mais possível que se exerça uma violência física contra o homem imputado como “pecador”, por causa das mudanças no modo de tratamento aos divergentes da moralidade religiosa, elege-se uma dimensão metafísica como local de punição para os homens que transgrediram os mandamentos sagrados. A pena, que outrora era aplicada no corpo do indivíduo, adquire um estatuto simbólico, “espiritualizando-se”, tornando-se uma sanção moral a ser sofrida pela alma no decorrer da eternidade. Dessa maneira, os homens tolos e crédulos, desprovidos de um nível significativo de senso crítico, acreditam nesses impropérios que aviltam a possibilidade de formulação de uma saudável experiência religiosa, pautada no sentimento de amor e tolerância.⁸ Conforme argumenta Roberto Machado, “o ressentimento é o predomínio das forças reativas sobre as forças ativas. O ressentido é alguém que nem age nem reage realmente; produz apenas uma vingança imaginária, um ódio insaciável” (2001, p. 61).

A elaboração desse sistema coercitivo na moral religiosa deriva do ódio dos detentores da autoridade teológica perante tudo aquilo que é belo e sensual, posto que, impossibilitados de desfrutarem da saúde e da exuberância da vida, manifestam aversão por tudo aquilo que demonstre apreço pela beleza decorrente da afirmação jubilosa da existência. Os adeptos dessa moralidade castradora, portanto, sofreriam, de acordo com a terminologia empregada por Nietzsche, de distúrbios fisiológicos, que impedem uma compreensão saudável da vida. Tanto pior, por causa dessa degenerescência, sentem repulsa pela expressão da alegria daqueles que são afetivamente saudáveis, como se estes indivíduos fossem os culpados pela decadência vital dos fracos, quando, na verdade, eles mesmos é que seriam os responsáveis por essa situação de declínio. O adepto da moral do ressentimento tende a transferir sua própria culpa para fora de si, para o “outro”, estigmatizando a este como o iníquo, o culpado pelos seus males.

Como os que se encontram sob a égide da moral do ressentimento negam incondicionalmente os signos da beleza e da saúde vital, eles elaboram uma compreensão dicotômica da realidade, na qual tudo aquilo que é associado ao corpo e ao mundo material, por estar sujeito ao acaso e ao jogo de transformação, é considerado como inferior, elegendo assim uma esfera supra-sensível como verdadeira morada do ser. O devir, na perspectiva do homem ressentido, é interpretado como um evento negativo e triste, recebendo da parte desse indivíduo decadente a mais completa aversão. Essa atitude decorre da incapacidade do tipo fraco de aceitar a mutabilidade contínua e necessária da realidade, de maneira que ele vislumbra então a idéia da existência do mundo supra-sensível, puramente inteligível, como dimensão pura, livre de qualquer acidente ou transformação. Uma vez que o corpo se encontra sujeito aos efeitos cíclicos da natureza, o indivíduo elege a alma como a sua parte constituinte que permanecerá existindo numa outra vida, considerada como a verdadeira realidade. Podemos dizer que a elaboração dessa compreensão dualista do mundo contém elementos do olhar ressentido, pois o homem decadente, incapaz de conviver com a idéia de finitude das coisas do mundo, anseia pela permanência dos aspectos que, segundo ele, não sofreriam a ação transformadora do tempo. Como o seu corpo, material, é por natureza corruptível, o “homem metafísico” considera que os elementos sutis que lhe constituem estão livres da ameaça da decomposição. Aliás, a valoração desse tipo de indivíduo, em nome de uma pretensa dignidade moral da condição humana, considera que seria uma contradição que a

vida do indivíduo se restringisse apenas ao momento da existência física, postulando a existência do indivíduo enquanto ente supra-sensível, para que a aventura humana na Terra, com os seus constantes percalços, sejam adequadamente justificados. Para que a condição humana tenha algum sentido, aquilo que ele possui de excelente e puro deve permanecer, transferido no além-vida para uma dimensão também perfeita.

O grande mal-estar existencial decorrente deste posicionamento diante do devir consiste no sentimento de abjeção perante tudo aquilo que demonstre vínculo com a modificação, com a transformação. O homem ressentido detesta a falta de estabilidade do mundo, pois ele está acostumado apenas a lidar com certezas prováveis e quantificáveis, numa tentativa de redução da realidade do mundo, para que este possa ser adequadamente compreendido por sua parca perspectiva axiológica. É por tal fator que o indivíduo ressentido desvaloriza a diversidade, pois somente na sua vazia identidade ele encontra segurança e bem-estar. Essa contraposição ao valor da diversidade se manifesta em inúmeras situações da sua vida prática, sobretudo através da intolerância em relação ao indivíduo que é adepto de uma visão de mundo distinta da sua. Numa situação totalmente oposta, na dimensão dos homens nobres, é justamente a possibilidade de haver a diferença que favorece o desenvolvimento de grandes criações e realizações. Vale lembrar a sentença de Heráclito de Éfeso, segundo o qual a harmonia nasce a partir do choque dos contrários (Fragmento DK 8).

A contradição de perspectivas e de jogos de força, na perspectiva da “nobreza”, de forma alguma é um entrave para a vida, mas a possibilidade de ampliação da mesma, pois requer o exercício de superação das condições delimitadoras então existentes. O tipo decadente e desvitalizado, por sua vez, pelo fato de considerar o esforço de superação de si mesmo como um evento arriscado, demasiado perigoso para a conservação de sua individualidade, tende a depreciar qualquer tipo de ação pautada na imposição de sua força em prol da elevação do nível de sua potência, preferindo então sobreviver com o mínimo de energia necessária para a manutenção de suas funções vitais mais básicas. Portanto, o desgosto existencial decorrente da compreensão do caráter mutável do mundo leva o indivíduo ressentido a se enclausurar no seio da permanência, permanência essa que existe, no entanto, apenas na sua imaginação marcada pela estreiteza valorativa. A idéia de fixidez do ser geralmente decorre de uma compreensão negativa da existência pelo fato de que o indivíduo partidário desta perspectiva desenvolve uma ojeriza ao mundo físico, considerado um imundo antro de males, um “vale de lágrimas” (Sl, 84,7).

Para que a própria “vida” (considerada para além da própria condição individual) persevere na existência, torna-se necessário que os seres sempre sofram transformações e recriações axiológicas. Para que exista a permanência, é necessário que o processo do devir exerça a sua ação criadora de novas formas, transformando aquilo que está em declínio numa nova figuração extensiva, ao mesmo tempo em que favorece o surgimento de novas interpretações e perspectivas valorativas sobre os acontecimentos. Tal concepção da existência o homem do ressentimento jamais pode partilhar, posto que, para ele, somente a permanência deveria existir. O seu grande sonho, incapaz de se concretizar, consiste no desejo de que a existência individual seja eterna, não sofrendo assim nenhuma alteração radical na sua estrutura. Como a vida concreta é caracterizada pela transformação, o indivíduo ressentido busca conforto numa esperança espiritual, a autêntica morada do ser. Esse distanciamento em relação aos elementos da realidade denota rancor pela existência pelo fato de que o indivíduo que vislumbra a felicidade somente na dimensão supra-sensível considera esta vida física um transtorno, um empecilho que atrasa a efetivação dos seus objetivos espirituais. Todavia, o fato de se desvalorizar a vida atual em prol de uma vida espiritual denota uma incapacidade de se compreender a vida como um todo, em todas as suas inúmeras contradições, e isso é prejudicial para o pleno funcionamento das funções vitais do indivíduo

dicotômico, que tende a considerar a vida física apenas uma provação para que possa merecer a plenitude eterna.

Considerações Finais

O problema da inoculação do ressentimento na vida decorre da incapacidade do indivíduo padecente deste distúrbio psicofisiológico conviver adequadamente com o seu fluxo de afetos, os quais, muitas vezes conflitantes na sua dimensão psíquica, motivam situações que, numa personalidade axiologicamente fraca, são capazes de conduzi-lo ao declínio das suas forças vitais.

Conforme vimos no decorrer desse texto, tal situação faz com que o indivíduo decadente desenvolva uma compreensão da existência marcada pelo rancor e pela aversão contra tudo aquilo que consegue manifestar segurança e beleza nas suas ações. A saúde, considerada em todos os seus âmbitos, é um estado almejado pelo ressentido, mas ele, no entanto, raramente consegue alcançá-la, pois a sua estrutura afetiva, demasiado rancorosa, impede o livre fluxo de sua potência vital, causa básica do desenvolvimento do ressentimento e, conseqüentemente, de sua degenerescência fisiológica. Para que essa situação se modifique, é necessário que o indivíduo que sofre desse mal-estar seja capaz de expressar adequadamente a sua vitalidade pessoal, assim como assimilar as impressões recebidas do exterior. Através dessa modificação de conduta, o indivíduo desenvolve um novo posicionamento diante dos eventos constituintes de sua existência, deixando então de ser um espectador passivo, incapaz de manifestar a sua própria força e, por conseguinte, suas disposições criativas.

O estado de ressentimento, impedindo que o homem em declínio elabore uma conduta ativa ao longo de sua existência, faz com que ele postule uma realidade melhor, na qual todas as suas frustrações sejam plenamente resolvidas. O desgosto pela fraqueza, tornando o homem ressentido rancoroso pela sua própria impotência, subverte a sua força vital, a qual, ao invés de ser direcionada para fora, buscando a ampliação da vitalidade, é voltada para o íntimo, motivando a corrupção da própria vitalidade. Dessa incapacidade de se transformar as impressões ruins em estímulo para a ação decorre a origem do espírito de vingança do homem ressentido, contrário aos instintos saltares existentes nos indivíduos que conseguiram desenvolver uma boa constituição psíquica e fisiológica.

Notas

¹ Conforme os principais comentadores de Nietzsche consideram usualmente, as fases de sua filosofia seriam estas: 1) a perspectiva marcada por uma moderada influência do Romantismo, pela filosofia de Schopenhauer e pela estética de Wagner; 2) a fase crítica, na qual suas grandes referências intelectuais são por ele radicalmente contestadas. Nesse período, Nietzsche enfatiza a importância do conhecimento científico para vida, pois ele pretende desmascarar as superstições metafísicas nas quais os homens até então viviam; 3) a fase de maturidade, na qual podemos encontrar temas nevrálgicos da filosofia nietzschiana, tais como a vontade de potência, o eterno retorno, o *Amor Fati* e o problema da “Morte de Deus” e a nova conduta humana que deve se desenvolver a partir deste momento no seio da cultura ocidental.

² Tal como exposto por Nietzsche (2003, p. 17-24) sobre as características da “História Monumental”, gênero de investigação historiográfica que versa sobre os grandes empreendimentos históricos do passado, privilegiando tudo aquilo que foi feito de extraordinário, seja por um povo ou por um indivíduo singular.

³ Para Nietzsche, esse processo de perversão dos valores do corpo e da sensibilidade em prol dos valores da alma e do puramente inteligível se inicia na filosofia socrático-platônica, tal como ele denuncia com acentuada incisão em (1993, p.84-87) e (2006, p. 17-19).

⁴ Devemos lembrar que esta é uma marcante influência da Boa *Éris* de Hesíodo (2000, vs. 20-26) no desenvolvimento do pensamento de Nietzsche.

⁵ Nietzsche (1996, p. 71-86) dedica importantes considerações sobre a agonística grega e seus desdobramentos na vida cultural da Grécia Antiga, assim como o quanto somos herdeiros de tal disposição.

⁶ “Poder ser inimigo, ser inimigo – isso pressupõe talvez uma natureza mais forte, é em todo caso condição de toda natureza forte, é em todo caso condição de natureza forte. Ela necessita de resistências, portanto busca resistência: o *pathos* agressivo está ligado tão necessariamente à força quanto os sentimentos de vingança e rancor à fraqueza. (...) – a força do agressor tem na oposição de que precisa uma espécie de medida; todo crescimento se revela na procura de um poderoso adversário – ou problema: pois um filósofo guerreiro provoca também os problemas ao duelo. A tarefa não consiste em subjugar quaisquer resistências, mas sim aquelas contra as quais há que investir toda a força, agilidade e mestria das armas – subjugar adversários iguais a nós... Igualdade frente o inimigo – primeiro pressuposto para um duelo honesto. Quando se despreza não se pode fazer a guerra; quando se comanda, quando se vê algo abaixo de si, não há que fazer a guerra”. (Cf. NIETZSCHE, 2001a, p. 31-32)

⁷ “*Homens preparatórios* – Eu saúdo todos os sinais de que se aproxima uma época mais viril, guerreira, que voltará a honrar acima de tudo a valentia! Ela deve abrir caminho para uma época ainda superior e juntar as forças que de que ele precisará – a época que levará heroísmo para o conhecimento e travará guerras em nome dos pensamentos e das conseqüências deles. Para isto são agora necessários muitos homens preparatórios valentes, que certamente não podem surgir do nada – muito menos da areia e do lodo da atual civilização, e educação cidadina; homens que, silenciosos, solitários, resolutos, saibam estar satisfeitos e ser constantes na atividade invisível; homens interiormente inclinados a buscar, em todas as coisas, o que nelas deve ser superado; homens cuja animação, paciência, singeleza e desprezo das grandes vaidades seja tão característico quanto a generosidade na vitória e a indulgência para com as pequenas vaidades dos vencidos; homens de juízo agudo e livre acerca dos vencedores e do quinhão de acaso que há em toda vitória e toda glória; homens com suas próprias festas, dias de trabalho e momentos de luto, habituados e seguros nos no comandar e também prontos no obedecer, quando for o caso, igualmente orgulhosos nas duas situações, igualmente servindo a própria causa; homens mais ameaçados, fecundos e felizes! Pois, creiam-me! – o segredo para colher da vida a maior fecundidade e a maior fruição é: *viver perigosamente!* (NIETZSCHE, 2001b p. 192).

⁸ Para a compreensão deste problema do sentimento de vingança existente na moralidade teológica do Cristianismo, é importante destacar que Nietzsche (1999, p.39-43) enumera alguns exemplos do espírito de ressentimento na teologia cristã, citando os casos de Tertuliano, Padre de Igreja, e de São Tomás de Aquino.

Referências Bibliográficas

AZEREDO, Vânia Dutra de. (2000) *Nietzsche e a dissolução da Moral*. São Paulo: Discurso Editorial.

DANTE ALIGHIERI. (1998). *A Divina Comédia*. Trad. de Ítalo Eugênio Mauro. São Paulo: Ed. 34.

DOSTOIÉVSKI, Fiódor. (2000). *Memórias do subsolo*. Trad. de Bóris Schnaidermann. São Paulo: Editora 34.

GIACÓIA JÚNIOR, Oswaldo. (2001). *Nietzsche como psicólogo*. São Leopoldo. Editora da Unisinos.

HERÁCLITO. (2000). “Fragmentos”. In: Vol. *Pré-Socráticos*, Col. “Os Pensadores”. Trad. de José Cavalcante de Souza. São Paulo: Nova Cultural.

HESÍODO. (2000) *Os Trabalhos e os Dias*. Trad. de Mary de Camargo Neves Lafer. São Paulo: Iluminuras.

KEHL, Maria Rita. (2004). *Ressentimento*. São Paulo: Casa do Psicólogo.

MACHADO, Roberto. (2001). *Nietzsche e a verdade*. Rio de Janeiro: Rocco.

NIETZSCHE, Friedrich. (2007) *O Anticristo / Ditirambos de Dionísio*. Trad. de Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras.

_____. (1996). *Cinco Prefácios para cinco livros não escritos*. Trad. de Pedro Sússekind. Rio de Janeiro: Sette Letras.

_____. (2001a). *Ecce Homo – como alguém se torna o que se é*. Trad. de Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras.

_____. (2001b) *A Gaia Ciência*. Trad. de Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras.

_____. (1999). *Genealogia da Moral – Uma polêmica*. Trad. de Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras.

_____. (1993). *O Nascimento da Tragédia ou Helenismo e Pessimismo*. Trad. de J. Guinsburg. São Paulo: Companhia das Letras.

_____. (2003). *Segunda Consideração Intempestiva: Da utilidade e desvantagem da história para a vida*. Trad. de Marco Antônio Casanova. Rio de Janeiro: Relume Dumará.